

Concepções de Professores Sobre os Processos de Educação em Saúde no Contexto Escolar

Rubia Patrícia Noronha da Silva¹

Simone Lara²

Jaqueline Copetti³

Karoline Goulart Lanes⁴

Max Castelhana Soares⁵

Resumo

O estudo objetivou analisar as concepções de professores sobre os processos de educação em saúde no contexto escolar, bem como as principais dificuldades encontradas por eles para trabalhar o tema saúde no cotidiano escolar. Trata-se de um estudo transversal, no qual foram incluídos professores do Ensino Médio de duas escolas públicas por meio de sorteio. Foi aplicado um questionário, contendo questões abertas e fechadas referentes às características profissionais dos professores, bem como aspectos sobre a abordagem do tema saúde na escola. Como resultados, podemos destacar que, apesar de a maioria dos professores concordar que é de responsabilidade de todos abordar o tema Saúde na escola, os mesmos reiteram que precisam de formação continuada e de material didático de qualidade a fim de dar-lhes suporte para realizar esse trabalho. Foi verificado que a concepção sobre saúde por parte dos professores é limitada, uma vez que percebem que o tema deve ser abordado em sala de aula com a finalidade de prevenir doenças. Por fim, a busca por uma melhor formação docente com os temas em saúde deve ser priorizada, para que os processos de ensino e aprendizagem com essa temática transversal sejam efetivos no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação e saúde. Formação docente. Tema transversal.

¹ Especialista em Educação em Ciências (Unipampa), professora de Educação Física. bianoronha3@gmail.com

² Doutora em Educação em Ciências, mestre em Fisiologia Humana, docente do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Pampa, Unipampa/RS. simonelara@unipampa.edu.br

³ Doutora em Educação em Ciências, docente do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Pampa, RS. jaquecopetti@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Educação em Ciências. ktguria@yahoo.com.br

⁵ Mestre em Educação em Ciências. maxcastelhana@yahoo.com.br

TEACHERS' CONCEPTIONS ON HEALTH EDUCATION PROCESSES IN SCHOOL CONTEXT

Abstract

The study aimed to analyze teachers' conceptions about the processes of health education in the school context, as well as the main difficulties encountered by them to work the topic health in everyday school. This is a cross-sectional study, in which high school teachers from two public schools were included randomly. They answered to a questionnaire containing open and closed questions referring to their professional characteristics, as well as aspects about the approach of health in school. As a result, we can highlight that, although most teachers agree that it is everyone's responsibility to address the theme of health at school, they reiterate that they need specific training and adequate teaching materials, in order to give them support to accomplish this job. It was verified that the teachers' conceptions about health is limited, since they perceive that the theme must be approached in the classroom, with the purpose of preventing diseases. Finally, the search for better teacher education with health issues should be prioritized, so that the teaching and learning processes with this transversal theme are effective in the school environment.

Keywords: Education and health. Teacher training. Cross-sectional theme.

Recebido em: 22/12/2016

Aceito em: 7/8/2017

Introdução

O conceito de saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), vai além da ausência de doenças, incluindo um completo bem-estar físico, mental e social (NUTBEAM, 1996). No âmbito do processo de desenvolvimento humano, portanto, esse conceito depende de cada um – do seu sentido de felicidade, da sua maneira de estar no mundo e do esforço solidário para compreender e respeitar o universo (ROCHA et al., 2011). Sob esse aspecto, o tema saúde sempre foi considerado uma preocupação universal, e a escola não deve e nem pode ficar fora dessa discussão.

A educação em saúde se tornou obrigatória nas escolas brasileiras de 1º e 2º graus pelo artigo 7º da lei 5.692/71, com o objetivo de estimular o conhecimento e a prática da saúde básica e da higiene (MOHR; SCHALL, 1992). Sob esse olhar, em 1997 surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com os Temas Transversais, incluindo a saúde, que deve ser abordada em todas as áreas do conhecimento, a fim de produzir uma aprendizagem significativa, efetiva e transformadora de atitudes e hábitos de vida (BRASIL, 1997a).

Ademais, a escola deve promover a conscientização dos alunos para o direito à saúde, sensibilizando-os para a busca permanente da compreensão de seus condicionantes, capacitando-os para a utilização de medidas práticas de promoção, proteção e recuperação da saúde ao seu alcance (BRASIL, 1997a). Conforme Fonseca (2008), o ambiente escolar surge como espaço facilitador para a prevenção de riscos e promoção da saúde de crianças, além da possibilidade de transformar o quadro de fragilidade social em que muitos deles vivem atualmente. Os PCNs preveem, ainda, que os conteúdos de saúde sejam integrados aos demais conteúdos, numa relação de transversalidade (BRASIL, 1997b), articulando projetos e planejamentos interdisciplinares que definam os conteúdos relacionados com a saúde individual e coletiva, a serem trabalhados de maneira globalizada em todas as disciplinas.

Seguindo essa linha de raciocínio, o conceito de educação em saúde vem sendo substituído, deixando de priorizar os aspectos biológicos e patológicos, colocando-se agora a tônica na promoção da saúde, porém com a preocupação

na visão integral do indivíduo inserido no seu ambiente familiar, social e comunitário (ROCHA et al., 2011). Assim, o binômio Educação e Saúde formam uma rede de expressiva relevância para a qualidade de vida do indivíduo e da sociedade, no qual, ao educar para a saúde de forma contextualizada e sistemática, o professor estará contribuindo para formar cidadãos capazes de atuar em favor da melhoria dos níveis de saúde pessoais e da coletividade (BRASIL, 1997a).

Mohr (2002) infere que a Educação em Saúde na escola deve estar contemplada no currículo escolar e ser planejada de modo a favorecer a inserção de atividades que facilitem a aprendizagem significativa em saúde, a fim de causar mudanças no comportamento individual. Ainda, Gustavo e Galieta (2014) consideram a educação e saúde como parte constituinte de uma proposta maior: a promoção da saúde. Esta contempla uma combinação de apoios educacionais e ambientais que possui o objetivo de alcançar condições de vida favoráveis à saúde, causando mudanças no comportamento organizacional para um bem coletivo (CANDEIAS, 1997).

Outro ponto importante que devemos ressaltar é a forma como a educação e a saúde vêm sendo trabalhadas nas escolas, uma vez que, frequentemente, os profissionais em educação não estão preparados para esta abordagem, e, assim, acabam retratando a educação e a saúde na escola sob a perspectiva sanitária e/ou biomédica. De fato, tratar o tema saúde de maneira a dar exclusividade a um viés de abordagem implica diretamente na negação da influência de outros determinantes que atuam mutuamente sobre o estado de saúde (GUSTAVO; GALIETA, 2014).

Apesar do suporte na legislação e diretrizes existentes, o professor, em sua prática, sente dificuldade em cumprir o que está previsto nos PCNs, podendo, por exemplo, atribuir isso a sua formação docente inadequada (FERNANDES; ROCHA; SOUZA, 2005). Ainda, os autores que embasam o parágrafo anterior relatam que os profissionais atuantes nas escolas não se sentem responsáveis por trabalhar a saúde em seus ambientes e acabam seguindo um padrão assistencialista, priorizando o indivíduo e a doença, pois, como afirmam Zancul e Costa (2012), os professores não têm sido preparados para trabalhar a temática saúde na escola e ocorre de não saberem como tratar os temas.

Dessa forma, para que os processos de ensino-aprendizagem sobre educação e saúde sejam efetivos no contexto escolar, o docente deve ser bem-preparado e bem-formado pelos cursos de Graduação das universidades. Por consequência, a sensibilização e a formação do corpo docente têm importância fundamental para que a educação em saúde exista de fato (COSTA; GOMES; ZANCUL, 2011).

Sendo assim, com base nos pontos expostos, este estudo apresenta como objetivo analisar as concepções de professores sobre os processos de educação em saúde no contexto escolar.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, qualitativo e quantitativo, no qual foram incluídos professores do Ensino Médio de duas escolas públicas do município de Uruguaiana-RS, sendo uma estadual e uma municipal, em diferentes localidades do município selecionadas por sorteio no primeiro semestre de 2016.

Os pesquisadores do presente estudo apresentaram a proposta aos professores das escolas envolvidas, e os interessados em participar responderam a um questionário construído pelos pesquisadores. O questionário contém questões abertas e fechadas, incluindo: as características profissionais dos professores (idade, sexo, formação acadêmica, disciplina em que atua, tempo de formação, tempo de atuação, carga horária semanal e o cargo atual) e questões referentes às percepções dos professores sobre o tema saúde na escola, as quais versam sobre as percepções envolvendo o binômio educação e saúde, que são apresentadas no Quadro 1.

**Quadro 1 – Questionário sobre educação e saúde
no contexto escolar aplicado a professores**

Questões sobre educação e saúde
O que é educação e saúde na escola?
Qual a importância de trabalhar os temas sobre saúde no ambiente escolar?
De que forma os temas em saúde devem ser abordados na escola?
Todos os professores devem se responsabilizar pela inclusão do tema transversal saúde nas disciplinas que lecionam?
Quais as dificuldades que você avalia no trabalho de saúde na escola pelo professor?
Você identifica em seus alunos comportamentos de risco à saúde? Se sim, quais?
Você acredita que a educação em saúde na escola poderia reduzir ou evitar os comportamentos de risco nos seus alunos? Se sim, porquê?
Já realizou cursos de formação continuada sobre abordagem de temas de saúde no contexto escolar? Se sim, sobre que temática?

Os relatos dos professores foram interpretados e categorizados por meio da análise de conteúdo de Bardin, cujo método representa um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos extremamente diversificados (BARDIN, 2006). A partir da análise das percepções dos professores, foram elaboradas categorias para cada resposta a fim de refletir a compreensão dos mesmos sobre os aspectos de Educação em Saúde na escola. Para os dados quantitativos foi realizada análise descritiva, apresentada por meio de frequências e percentuais.

Resultados e discussão

Buscando caracterizar a amostra do estudo, na Tabela 1 estão presentes os dados relativos ao perfil dos professores participantes. Assim, 20 professores concordaram em participar da pesquisa, com faixa-etária entre 40 e 59 anos de idade (70%), sendo a maioria do sexo feminino (90%). Quanto à formação inicial, 45% dos entrevistados corresponderam à área de Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias, bem como o mesmo percentual compreendeu a área

de Linguagens e suas Tecnologias; entre estes, 50% possuem Pós-Graduação. Grande parte dos professores apresentou uma carga horária de trabalho de 40 horas semanais.

Quando questionados sobre a realização de cursos de formação continuada com o tema saúde, a grande maioria (75%) respondeu que não. Os professores que responderam que sim (25%), no entanto, informaram que os cursos eram voltados para as temáticas de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST), gravidez na adolescência e o uso de drogas, conforme relatos:

P 3 – Sim. Drogas e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

P 19 – Sim, já realizei formação, porém essa formação não foi na escola, mas sim na Secretaria Estadual de Educação quando participei da gestão pela 10ª CRE. As temáticas referiam-se aos diferentes gêneros e às mulheres: gravidez na adolescência e DST.

Tabela 1 – Perfil dos professores incluídos no estudo

Caracterização da amostra	N	(%)
Idade		
30 – 39 anos	4	20%
40 – 49 anos	7	35%
50 – 59 anos	7	35%
60 anos ou mais	2	10%
Sexo		
Feminino	18	90%
Masculino	2	10%
Formação Inicial		
Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias	9	45%
Linguagens Códigos e suas Tecnologias	9	45%
Demais áreas	2	10%
Pós-Graduação		
Sim	10	50%
Não	8	40%

Em andamento	2	10%
Carga Horária		
20h	3	15%
35h	2	10%
40h	11	55%
60h	4	20%
Cargos que ocupam		
Professor	18	90%
Gestão (direção, coordenador pedagógico, supervisão, outros)	-	
Ambos	2	10%
Realização de curso de formação continuada sobre o tema Saúde?		
Sim	5	25%
Não	15	75%

Considerando a relevância da formação continuada para uma melhor capacitação dos professores, Couto (2005) infere que essa formação é condição importante para a releitura das experiências e das aprendizagens. Destacamos, porém, no presente estudo, que apenas 25% dos professores entrevistados afirmaram ter participado de algum curso de formação continuada sobre o tema Saúde.

Embora em 2007 o governo federal tenha instituído o Programa Saúde na Escola (PSE), que prevê que suas ações sejam realizadas em consonância com as atividades pedagógicas da escola, percebe-se uma distância entre os profissionais da saúde e os da educação. Os Ministérios da Saúde e Educação estabelecem, dentre os componentes de ações, para subsidiar a execução do trabalho dos atores envolvidos, a formação de gestores nas três esferas do governo e das equipes de saúde e educação por meio de atividades de educação permanente, capacitando profissionais da saúde e educação (LEITE et al., 2013). Apesar dessas ações propostas pelos órgãos ministeriais, a fim de melhorar a formação de professores em saúde, os resultados do presente estudo contrastam com essa realidade.

Conforme Schnetzler (2002), os programas formativos devem privilegiar ações que aconteçam em continuidade, que não sejam pontuais, mas que busquem um contínuo aprimoramento profissional do professor. Este mesmo autor defende, ainda, que os programas precisam possibilitar ao professor reflexões críticas sobre sua prática pedagógica em ambiente coletivo de seu contexto de trabalho. Assim sendo, a capacitação de professores para ensinar e aprender a promoção e a educação em saúde deve ser permanente.

A Tabela 2 apresenta a frequência de respostas às questões relacionadas à abordagem da temática transversal saúde na escola. Nesse contexto, verificou-se que a maioria dos professores (70%) concorda totalmente que os temas em saúde devam ser abordados em todas as disciplinas. A falta de capacitação docente e a falta de material didático, porém, foram as alternativas mais citadas pelos professores, referentes às dificuldades na abordagem desse tema no contexto escolar.

Tabela 2 – Abordagem com o tema transversal saúde na escola

Questão	N	(%)
De que forma os temas em saúde devem ser abordados na escola?		
Em todas as disciplinas	19	95%
Nas disciplinas de Ciências	1	5%
Todos os professores devem se responsabilizar pela inclusão do tema transversal saúde nas disciplinas que lecionam?		
Concordo totalmente	14	70%
Concordo parcialmente	6	30%
Quais as dificuldades que você avalia no trabalho de saúde na escola pelo professor?		
Falta de material didático	5	25%
Falta de capacitação	8	40%
Falta de apoio no ambiente escolar	1	5%
Falta de recursos humanos	1	5%
Duas ou mais alternativas	4	20%
Outros	1	5%

Sob esse olhar, Costa, Gomes e Zanzul (2011) inferem que há um *déficit* na formação inicial dos professores para tratar de temas relativos à educação em saúde. Corroborando, Leonello e L'abbate (2006) complementam que na formação inicial existe uma carência de componentes curriculares que preparem os futuros professores para abordar saúde na escola. De fato, Precioso (2004) investigou que a maioria dos estudantes universitários da Universidade do Minho, em Portugal, não teve qualquer formação em temáticas fundamentais relacionadas à saúde, e destaca que a universidade deve se preocupar com a formação de professores que possam assegurar a construção de escolas cada vez mais promotoras de saúde.

Essa questão também foi percebida no estudo de Oliveira, Brancaloni e Souza (2013), referente à formação de professores para o trabalho com o tema sexualidade no cotidiano escolar, quando se verificou que existe uma omissão dos cursos de formação inicial de professores, uma vez que eles não fornecem subsídios para uma conduta que será exigida no cotidiano escolar. Ademais, os autores reiteram que tal ausência se solidifica em posturas de insegurança, fuga e repreensão por parte de professores diante dos questionamentos de alunos, ou até mesmo na reprodução de discursos prontos.

Corroborando, Silva, Siqueira e Rocha (2009) analisaram alguns significados construídos por docentes do curso de nível Médio, de uma escola pública do Rio de Janeiro, a respeito do papel da escola e do docente na abordagem de questões de sexualidade e gravidez na adolescência. De fato, os resultados evidenciaram que padrões de “normalização” e de “individualização” das responsabilidades marcaram os discursos docentes, evidenciando a dificuldade de trabalhar essa temática no contexto escolar. Talvez essa insegurança em trabalhar temas que estejam ligados à realidade e ao cotidiano escolar se dê pela fragmentação dos conteúdos entre as disciplinas, conforme apontam Forgiarini e Auler (2009), de que, na formação inicial, esta perspectiva está praticamente ausente, e temas polêmicos contemporâneos são pouco abordados no corpo de disciplinas e atividades de ensino, pesquisa e extensão ofertadas pelos cursos

de formação. Os autores destacam ainda que os cursos de formação inicial priorizam conceitos desvinculados de situações reais e acabam ocasionando uma desarticulação entre as diversas áreas do conhecimento.

Não somente a formação inicial, mas também a formação continuada do docente, torna-se fundamental no processo de capacitação e preparo deste para abordagem da temática saúde no ambiente escolar. Nesse contexto, o estudo de Lara et al. (2014) identificou um aumento no nível de conhecimento sobre o tema saúde cardiovascular de estudantes do curso normal, após a realização de um curso de formação continuada com essa temática. Esses autores também concluíram que, se a educação em saúde for devidamente inserida na formação inicial dos futuros educadores, poderá haver uma mudança na percepção dos futuros professores quanto à importância da abordagem do tema saúde na escola.

Adicionalmente, o material didático que aborda o tema saúde de maneira transversal, como previsto nos PCNs, é escasso, conforme aponta Mohr (2000). Esse estudo analisou os conteúdos dos livros didáticos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, e foi percebido que os conteúdos dos Programas de Saúde foram desenvolvidos de forma incompleta, com conceitos ausentes e informações incorretas, além de abordarem o tema de forma reducionista, focando apenas aspectos biológicos.

Também Santos et al. (2015), ao analisar livros didáticos para investigar a presença de conteúdos com o tema transversal saúde, verificaram que os conteúdos sobre saúde integram uma proporção não superior a 16% do total das páginas em cada obra analisada. Complementam, ainda, que os temas sobre saúde que predominam em tais livros são voltados às discussões de doenças e enfermidades.

Esses fatores podem influenciar a forma como o docente trabalha o tema saúde na escola, como podemos perceber no estudo realizado por Vilanova e Martins (2008), ao analisarem o discurso sobre saúde em materiais educativos de ciências para a Educação de Jovens e Adultos, quando apresentaram o livro didático como principal ferramenta na produção de textos sobre saúde pelos professores de ciências, e apontaram o predomínio de elementos do discurso higienista na configuração de textos sobre saúde. De fato, Monteiro (2012) rei-

tera que, muitas vezes, o livro didático é o único recurso pedagógico utilizado pelo professor, seja em consequência de fatores que vão do despreparo à falta de tempo para planejamento.

Quando os professores foram questionados sobre “O que é educação em saúde na escola?” (Tabela 3), grande parte respondeu que essa questão versava sobre ensinar e conscientizar os estudantes sobre hábitos de vida saudáveis (40%), conforme os relatos:

P10 – É a prática cotidiana do ensino de hábitos de saúde em diferentes contextos de ensino e aprendizagem.

P15 – É a conscientização e desenvolvimento de atitudes que possam desenvolver no indivíduo a responsabilidade de cuidar da própria saúde e do próximo.

Tabela 3 – Percepções dos professores sobre
“O que é educação em saúde na escola”

Questão	N	(%)
O que é educação em saúde na escola?		
Prevenção de doenças	4	20%
Melhoria da qualidade de vida	5	25%
Ensino e conscientização em saúde	8	40%
Cuidados com a saúde (higiene pessoal e ambiental)	3	15%

Dessa forma, cabe salientar que a escola exerce um papel essencial na formação de hábitos saudáveis (ZANCUL; COSTA, 2012), uma vez que o estilo de vida está intimamente associado à saúde e à qualidade de vida das pessoas em todas as idades. Reforçando esta afirmação, Copetti (2009) ressalta que a aquisição de conhecimentos e atitudes positivas, tais como prática de atividade física, alimentação adequada e comportamentos preventivos, são consolidados durante a infância e a juventude, salientando a importância da abordagem destas temáticas ligadas à educação e à saúde desde as primeiras etapas educacionais.

A Tabela 4 apresenta os resultados referentes à importância de trabalhar temas sobre saúde no ambiente escolar, quando a maioria dos participantes atrelou tal importância ao fato de orientar os estudantes sobre o conhecimento em saúde para prevenir doenças (50%). Ressalta-se, ainda, que outros professores também destacaram essa importância pelo fato de promover saúde aos estudantes e comunidade escolar bem como conscientizá-los sobre a aquisição de hábitos saudáveis, conforme é possível perceber nos exemplos das percepções dos professores:

P2 – Muitos desconhecem as causas e consequências de determinadas doenças. Uma orientação sobre saúde no ambiente escolar ajuda a esclarecer dúvidas em toda a comunidade e, conseqüentemente, haverá uma melhor qualidade de vida.

P19 – Trabalhar temas relativos à saúde na escola é muito importante para que possamos colaborar não apenas com a saúde de cada um, mas com a saúde de suas famílias também, conseqüentemente haverá mais informações na comunidade e isso poderá colaborar com a saúde pública.

Tabela 4 – Percepções dos professores sobre a importância de trabalhar temas em saúde no ambiente escolar

Questão	N	(%)
Qual a importância de trabalhar temas em saúde no ambiente escolar?		
Orientação e prevenção de doenças	10	50%
Promoção e proteção da saúde da comunidade escolar	5	25%
Conscientização e aquisição de hábitos saudáveis	5	25%

Como podemos perceber na Tabela supracitada, a principal preocupação dos professores está centrada na orientação e prevenção de doenças, e isso vem de encontro com as características e os objetivos da escolarização. Neste contexto limitante, a educação e a saúde na escola são tratadas sob a ótica biomédico-patológica, sendo esta última considerada apenas como ausência de doenças (FERREIRA; DIONOR; MARTINS, 2013).

Sob essa perspectiva, Mohr (2002) reitera que o trabalho de educação e saúde na escola não pode se restringir a uma abordagem fisiológica do corpo humano ou a um elenco de regras de higiene e prevenção de doenças a serem aprendidas e automatizadas. Na escola, a educação em saúde deve ser compreendida como atividades realizadas dentro do currículo escolar que tenham uma intenção pedagógica definida, relacionada ao ensino-aprendizagem de algum assunto ou tema referente à saúde individual ou coletiva.

Um trabalho de educação em saúde na escola, que considere exclusivamente uma mudança de comportamento do sujeito, pode ser insuficiente, pois este não entenderá os reais motivos de se primar por uma boa saúde (MARINHO; SILVA, 2013). Dessa forma, a educação em saúde no ambiente escolar deve ter uma intenção pedagógica que capacite o aluno para as tomadas de decisão, e que o conscientize sobre a importância de adquirir hábitos de vida saudáveis em relação à promoção de sua própria saúde.

A Tabela 5 descreve que grande parte dos professores identifica em seus alunos comportamentos de risco à saúde, sendo o uso de drogas (35%) o mais citado pelos mesmos. Além disso, quando questionados se a educação em saúde na escola poderia evitar ou reduzir esses comportamentos, a maioria respondeu que sim, relatando que o conhecimento serviria de alerta para reduzir esses agravos:

P9 – Sim, porque acredito que vários comportamentos evidenciam a falta de conhecimento.

P7 – Sim, mesmo não atingindo a todos, as orientações servirão como alerta e prevenção a quem já está em comportamento de risco e evitar que outros sigam tais comportamentos nocivos.

Tabela 5 – Percepções dos professores sobre comportamentos de risco de estudantes

Questão	N	(%)
Você identifica comportamento de risco nos estudantes?		
Uso de drogas	7	35%
Falta de prevenção contra DSTs	2	10%
Doenças crônicas	1	5%
Não possuem hábitos saudáveis	5	25%
Não identificam comportamento de risco	5	25%
Os processos de educação em saúde poderiam evitar ou reduzir comportamentos de risco?		
O conhecimento serviria de alerta e prevenção	9	45%
A conscientização os tornaria formadores de Opinião	8	40%
Incentivá-los a terem uma melhor qualidade de vida	3	15%

Corroborando com a percepção dos professores, a revisão sistemática, proposta por Pasuch e Oliveira (2014), identificou um crescimento no uso de drogas entre adolescentes escolares, bem como um contato precoce dos mesmos com substâncias psicoativas, fazendo uso em grande quantidade, sejam lícitas, como álcool e tabaco, ou ilícitas, como solventes e maconha. Os autores concluíram que, mediante esses dados, a abordagem do tema nas escolas é a melhor forma de prevenção. Desta forma, uma pessoa informada, integrada na família e sociedade, com uma boa saúde e qualidade de vida satisfatória e com difícil acesso às drogas, tem uma menor probabilidade de usá-las (SANCEVERINO; ABREU, 2004).

Sob esse aspecto, os dados expressivos acerca do uso de drogas na adolescência, apontam para a importância de fomentar discussões e reflexões sobre a abordagem da educação e saúde no contexto escolar, de maneira que facilite aos alunos as tomadas de decisão e a conscientização sobre os aspectos de saúde. Para Mohr (2002), a escola deve instrumentalizar intelectualmente, a longo prazo e em profundidade, os alunos, para que analisem criticamente a realidade e possam fazer, no campo da saúde, escolhas autônomas e informadas.

A adolescência é uma fase da vida caracterizada por diversas mudanças, e representa um momento importante na aquisição de novos comportamentos e ganhos de autonomia (VIEIRA et al., 2008). Com base nos números do Ministério da Saúde, mais de 50 milhões de crianças e adolescentes estão acessíveis às ações de educação, promoção e assistência à saúde no sistema educacional brasileiro (BRASIL, 2006). Assim, a escola precisa ser considerada um importante espaço para o desenvolvimento de um programa de educação para a saúde entre crianças e adolescentes (BRASIL, 2009).

Considerações Finais

Com base nos achados no presente estudo, percebemos que a falta de capacitação e de material didático constituíram as principais dificuldades relatadas pelos professores para trabalhar o tema saúde na escola. Além disso, a concepção sobre saúde por parte dos professores é limitada, uma vez que percebem que o tema deve ser abordado em sala de aula com a finalidade de prevenir doenças, ou seja, ainda estão atrelados ao modelo de saúde biomédico/patológico. Esse fator vem ao encontro de outro dado relevante encontrado no estudo: poucos professores realizaram cursos de formação continuada com a temática saúde, e os que buscaram a capacitação participaram de cursos voltados à orientação e à prevenção de doenças.

A importância de trabalhar o tema saúde na escola é evidente, porém cabe à escola e ao docente ter clareza quanto ao seu papel, uma vez que, trabalhar a educação em saúde apenas com o objetivo de orientar e prevenir doenças, é um equívoco. Desta maneira, proporcionar ao aluno a apropriação de conhecimentos significativos, capacitando-os para tomadas de decisão individuais, de modo a favorecer a compreensão da aplicabilidade de seus atos e decisões na sociedade em que vive e no mundo, também são responsabilidades do professor e da escola de forma geral.

A abordagem desse tema transversal no ambiente escolar é possível e necessária, a partir do momento que tivermos objetivos bem-definidos sobre sua importância e de como trabalhar essa temática de forma transversal. Essa reali-

dade, contudo, somente irá acontecer a partir do momento em que houver uma reestruturação nos cursos de formação inicial, bem como maiores investimentos em cursos de formação continuada com as temáticas em saúde, para uma maior compreensão e apropriação desses temas pelos professores.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente, saúde* (1ª a 4ª série). Brasília: MEC; SEF, 1997a.

_____. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC; SEF, 1997b.

_____. Ministério da Saúde. *Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

_____. Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica. *Saúde na escola*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

CANDEIAS, N. M. F. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, n. 31, p. 209-213, 1997.

COPETTI, J. *Barreiras à prática de atividades físicas em adolescentes da cidade de Pelotas, RS*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas; Escola Superior de Educação Física, Pelotas, 2009.

COSTA, S.; GOMES, P. H. M.; ZANCUL, M. S. Educação em saúde na escola na concepção de professores de Ciências e de Biologia. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 8., 2011, Campinas. *Anais...* Campinas: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 2011.

COUTO, M. E. S. *A aprendizagem da docência de professores em cursos de formação continuada na modalidade a distância*. CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 8. São Paulo: Unesp, 2005. p. 14-24.

FERNANDES, M. H.; ROCHA, V. M.; SOUZA, D. B. de. A concepção sobre saúde do escolar entre professores do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries). *História, Ciência & Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2005.

FERREIRA, R. L.; DIONOR, G. A.; MARTINS, L. Educação em saúde: É possível adentrar a escola? *Candombá*, v. 9, n. 1, p. 44-56, 2013.

FONSECA, F. A escola como espaço facilitador para a promoção da saúde e prevenção de riscos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO AMBIENTE, 2008, Niterói. *Caderno de Resumos...* Niterói: Unipli, v. 1. p. 19-24, 2008.

FORGIARINI, M. S.; AULER, D. A abordagem de temas polêmicos na educação de jovens e adultos: o caso do “florestamento” no Rio Grande do Sul. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 8, n. 2, p. 399-421, 2009.

GUSTAVO, L. S.; GALIETA, T. A educação em saúde está contemplada na formação inicial de professores de ciências biológicas? *Revista da SBEnBio – Associação Brasileira de Ensino de Biologia*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 4.877-4.889, 2014.

LARA, S. et al. O tema transversal saúde na formação de futuros educadores. *Revista Eletrônica Pesquisa Educa*, Santos, v. 6, n. 12, p. 434-456, jul./dez. 2014.

LEITE, C. T. et al. Educação em saúde: percepção de docentes em relação às ações no programa saúde na escola (PSE). *Convibra*. 2013. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/2013/76/2013_76_7712.pdf>. Acesso em: 31 maio 2016.

LEONELLO, V. M.; L'ABBATE, S. Educação em saúde na escola: uma abordagem do currículo e da percepção de alunos de graduação em pedagogia. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 10, n. 19, p. 149-166, 2006.

MARINHO, J. C. B.; SILVA, J. A. Conceituação da Educação em Saúde e suas implicações nas Práticas Escolares. *Revista Ensino, Saúde e Ambiente*, v. 6, n. 3, p. 21-38, dez. 2013.

MOHR, A. *A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências*. 2002. 406 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Santa Catarina, 2002.

_____. Análise do conteúdo de saúde nos livros didáticos. *Ciência & Educação*, v. 6, n. 2, p. 89-106, 2000.

MOHR, A.; SCHALL, V. T. Rumos da educação em saúde no Brasil e sua relação com a educação ambiental. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 8, n. 2, p. 199-203, 1992.

MONTEIRO, P. H. N. A saúde nos livros didáticos no Brasil: concepções e tendências nos anos iniciais do Ensino Fundamental. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

NUTBEAM D. Health promotion glossary. In: PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION (PAHO) (Org.). *Health promotion: an anthology*. Washington: PAHO, 1996. p. 343-359. (PAHO Scientific Publications; 557).

OLIVEIRA, R. R.; BRANCALEONI, A. P. L.; SOUZA, T. N. Formação de professores para o trabalho com o tema sexualidade no cotidiano escolar. *Góndola, Enseñanza y aprendizaje de las Ciencias*, v. 8, n. 2, p 34-49, jul./dec. 2013. ISSN: 2346-4712.

PASUCH, C.; OLIVEIRA, M. S. Levantamento sobre o uso de drogas e por estudantes do ensino médio: uma revisão sistemática. *Cad. Ter. Ocup.*, São Carlos: UFSCar, v. 22, Suplemento Especial, p. 171-183, 2014.

PRECIOSO, J. Educação para a saúde na Universidade: um estudo realizado em alunos da Universidade do Minho. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 3, n. 2, p. 161-170, 2004. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3986>>. Acesso em: 14 out. 2016.

ROCHA, A. et al. Saúde escolar em construção: que projetos? *Millenium*, n. 41, p. 89-113, dez. 2011.

SANCEVERINO, S. L.; ABREU, J. L. C. Aspectos do uso de drogas entre estudantes do ensino médio no Município de Palhoça 2003. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 9, n. 4, p. 1.047-1.056, 2004.

SANTOS, M. E. T. et al. A saúde enquanto tema transversal em livros didáticos de ciências para os anos iniciais do ensino fundamental. *Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v. 8, n. 1, p. 53-73, maio 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1982-5153.2015v8n1p53>>. Acesso em: 25 out. 2015.

SCHNETZLER, R. P. Concepções e alertas sobre formação continuada de professores de química. *Química Nova na Escola*, v. 16, p. 15-20, 2002.

SILVA, I. O.; SIQUEIRA, V. H. F.; ROCHA, G. W. F. Educação sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de formação de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 8, n. 1, 2009. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen8/ART12_Vol8_N1.pdf>. Acesso em: 26 out. 2016.

VIEIRA, P. C. et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. *Cad. Saúde Pub.*, v. 24, n. 11, p. 2.487-2.498, 2008.

VILANOVA, R.; MARTINS, I. Discursos sobre saúde na educação de jovens e adultos: uma análise crítica da produção de materiais educativos de ciências. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, vol. 7, n. 3, 2008. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART1_Vol7_N3.pdf> Acesso em: 24 jul. 2016.

ZANCUL, M. S.; COSTA, S. S. Concepções de professores de ciências e de biologia a respeito da temática educação em saúde na escola. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 7, n. 2, 2012.